

Revista Diálogo Educacional

ISSN: 1518-3483

dialogo.educacional@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Brasil

BOTH, Ivo José

MAIS DO QUE AVALIAR POR COMPETÊNCIA CABE VALORIZAR A CAPACIDADE CRIADORA E
EMPREENDEDORA

Revista Diálogo Educacional, vol. 2, núm. 4, julio-diciembre, 2001, pp. 1-36

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189118183017>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

MAIS DO QUE AVALIAR POR COMPETÊNCIA CABE VALORIZAR A CAPACIDADE CRIADORA E EMPREENDEDORA

*Prof. Dr. Ivo José BOTH**

Resumo

A avaliação da aprendizagem vem sofrendo conotações e interpretações as mais diversas ao longo dos tempos. Agora, por exemplo, vem sendo visualizada a avaliação sob a ótica da competência. Não é que a questão da competência esteja constituindo novidade, no entanto, a sua percepção e valorização em nível da avaliação é que preconiza o novo. Procuramos, todavia, alargar os horizontes da avaliação, não permanecendo somente no nível da competência, mas juntando-lhe outros componentes como capacidade, habilidade e convivência. Autores há que permanecem no nível da competência e, no máximo, se valem da habilidade quando se trata de avaliação. No entanto, nós conseguimos perceber com bastante nitidez as diferenças, ainda que pequenas, entre competência, capacidade, habilidade e convivência, por isso mesmo, as valorizamos, com nítidos benefícios.

Palavras-chave: avaliação; ensino; aprendizagem; competência; capacidade; habilidade; convivência.

Abstract

The evaluation of the learning is suffering connotations and interpretations the most several along the times. Now, for instance, the evaluation has been visualized under the optics of the competence. It is not that the subject of the competence is constituting innovation, however her perception and valorization at the level of the evaluation are that it extols the new. We sought, though, to enlarge the horizons of the evaluation, only not staying at the level of the competence, but joining her other components as capacity, ability and coexistence. Authors there are that stay at the level of the competence and, at the most, they are been worth of the ability when it is evaluation. However, we got to notice with plenty clearness the differences, although small, among competence, capacity, ability and to live together, for that reason valued them, with clear benefits.

keywords: evaluation; teaching; learning; competence; capacity; ability; to live together

* Professor/Pesquisador da UNOPAR - Universidade do Norte do Paraná.

Apresentação

Avaliação, ensino e instituição, no contexto da interação dos níveis escolares, estão a requerer íntima relação filosófica, de objetivos e pedagógica, uma vez que são responsáveis pela formação de profissionais em todas as áreas de conhecimento e pela sua educação continuada. Por isso mesmo, a avaliação-ensino, entendida como conteúdo, e a instituição, como continente, relacionam-se numa interdependência qualitativa muito intensa, pois certamente um bom conteúdo está a exigir um bom continente, e vice-versa.

Uma excelente infra-estrutura e condições técnico-científicas de trabalho oferecidas por uma instituição de ensino são caminhos abertos para um ensino igualmente de qualidade necessária. Por isso mesmo, competência, capacidade e habilidade inserem-se tanto melhor nas funções de ensino, investigação e extensão quanto melhor for a capacidade instalada de atendimento por parte da instituição, seja qual for o seu nível escolar.

Uma instituição de ensino não limita seu papel à formação de mão-de-obra qualificada, simplesmente, mas vislumbra concomitantemente implicações sociais e ambientais daí decorrentes e consequentes.

Dessa forma, capacidade de pensar e intervir na realidade também pressupõem aptidões cognitivas e atitudinais amplas para a convivência em sociedade. Em consequência, a busca e a construção de sentido para o mundo se tornam o foco principal de um processo educativo.

O ensino e a aprendizagem são um desafio, já que o aluno não pode ser visto como um depósito de conteúdos. Por isso, não bastam ao professor a competência técnica, o domínio dos conteúdos, mas também se faz necessária a sua competência pedagógica. Assim, ensinar certamente:

- não é repetir somente os conteúdos do programa de uma disciplina, mas a partir deles;
- significa provocar o aluno a ajudar o professor a dar atualidade e aplicabilidade aos conteúdos;
- é provocar mais dúvidas do que soluções.

E o ensino somente ocorre quando há vontade de ensinar e de aprender. Essa vontade de ensinar e de aprender amadurece em decorrência de um aprendizado a partir da implementação de ensino com investigação, como compromisso entre educador e educando. E ensino com investigação:

- é descobrir com o aluno o significado e a aplicação dos conteúdos;
- significa saber perguntar com o aluno;
- é saber indagar com o aluno;

- é ser curioso com o aluno;
- é ser criativo com o aluno;
- é procurar alternativas de solução com o aluno.

Quando da necessária correlação a ser feita entre qualidade de avaliação-ensino e condições da instituição, vislumbra-se de imediato o bom profissional a atuar com competência, capacidade, habilidade e (con)vivência numa instituição de ensino, num ambiente social ou numa empresa no transcurso deste novo milénio.

No século XXI somente prosperará a instituição, seja qual for a sua natureza:

- que tiver em seus quadros profissionais com positividade, profissionais não negativistas;
- que tiver em seus quadros profissionais flexíveis, que saibam mudar rapidamente de situação;
- cujos profissionais saibam pensar globalmente e agir localmente;
- que estiver melhor organizada, a empresa de estrutura “enxuta”, a empresa do tamanho certo;
- que tiver espírito de criatividade e de inovação, aquela cujos profissionais se comprometem com a educação continuada;
- que tiver um bom banco de informações;
- que tiver foco, que souber o que produzir e para que mercado produzir.

1. Competência, capacidade, habilidade e (con)vivência: elementos inerentes à avaliação, à educação e ao trabalho

Ao se falar de avaliação-ensino e institucional, certamente se estará igualmente falando de educação e de trabalho. E, ao se tratar de educação e de trabalho, trata-se, consequentemente, de competência, de capacidade, de habilidade e de convivência.

Competência certamente é o carro-chefe frente à avaliação, ao ensino, ao conhecimento. A competência envolve a questão do saber e do saber-fazer, a questão intelectual e o discernimento comportamental. Não basta o candidato a motorista dominar todos os conhecimentos sobre automóvel. É preciso saber dirigir.

A avaliação por competência pode se manifestar sob formas diversas, entre elas o estudo de casos, a elaboração de material didático, situações midiadas

e de sala de aula. Cabe ao educador montar situações de aprendizagens em que a competência se torne visível.

A avaliação por competência não se encontra solta entre teoria e prática, entre saber e saber-fazer, simplesmente, mas fortalece as suas bases e convicções em fundamentação teórica, em conhecimento de causa e no domínio da realidade social. Competência, em tal contexto, firma a sua presença sob a forma teórica, técnica e prática.

Avaliar por competência é saber mediar conhecimento com saber-fazer, sabendo-se que avaliar também se presta para planejar o que será desenvolvido pelo professor, descartando toda e qualquer menção punitiva e premiativa.

Os termos competência, capacidade e habilidade vêm sendo amplamente empregados na literatura da área de educação, de trabalho e aqui, ao longo de todo o texto, de forma privilegiada na concepção de avaliação-ensino e institucional. Trata-se de termos que se configuraram como polissêmicos, demonstrando diferentes significados, com inspiração parcial no que consta do Mapa 5.03 (IESB, p. 2, 2000).

Para fins de melhor percepção do significado e da concepção inerente a cada um dos termos, como conjunto de saberes, saber-fazer, saber-ser, saber-(re)agir e saber-(con)viver, são feitos alguns apontamentos, principalmente em função do contexto do tema central deste trabalho: avaliação-ensino e institucional.

a) Competência:

- capacidade de uma pessoa para desenvolver atividades de maneira autônoma, planejando-as, implementando-as e avaliando-as;
- capacidade de utilizar os conhecimentos e as habilidades adquiridas para o exercício de uma situação profissional (competência profissional);
- capacidade de colocar em prática estruturas mentais prévias a desempenhos de qualquer natureza;
- habilidade de alguém utilizar seu conhecimento para alcançar um propósito;
- capacidade para usar habilidades, conhecimentos, atitudes e experiências adquiridas para desempenhar bem os papéis sociais;
- capacidade para aplicar habilidades, conhecimentos e atitudes em tarefas ou combinações de tarefas operacionais.

Exemplos:

- dominar os conhecimentos de sua área ou tema de atuação;

- resolver problemas de aprendizagem;
- orientar e auxiliar os alunos a superarem dificuldades;
- dominar as práticas de docência de modo a promover uma aprendizagem mais significativa nos alunos;
- saber planejar, desenvolver e avaliar o processo de ensino e aprendizagem.

b) Capacidade:

- potencialidades a serem desenvolvidas, independente de conteúdos. Tudo aquilo que possibilita maior transferência de aprendizagem. Capacidades não são inatas, são desenvolvidas ao longo de um processo educativo;
- atributos que designam o eixo do desenvolvimento educacional que se deseja. Responde à pergunta: que tipo de educando se deseja formar? Capacidades são, por essência, transversais (do ponto de vista do currículo).

Exemplos:

- saber-ser: respeito para com os alunos, atitude de pesquisa, autocrítica, atitude de constante atualização, visão integrada da realidade, predisposição para o diálogo.

c) Habilidade:

- atributos relacionados a dimensões variadas: cognitivas, motoras e atitudinais;
- atributos básicos para a geração de competências e capacidades.

Exemplos:

- saber-agir: consciência das dificuldades para trabalhar com educação e variáveis sociais, políticas e econômicas.

d) (Con)vivência:

- no contexto dos saberes ainda deve ser considerado o saber-(con)viver, visto ser todo homem um ser-com-o-outro, e como tal convive em sociedade, onde age, sente, contribui e torna consequentes as suas aspirações;
- os diferentes saberes valorizam-se e cumprem a sua função na prática

- da convivência. Comportamento e valores morais e éticos são o ponto de chegada dos saberes: saber-ser, saber-fazer, saber-(re)agir;
- (con)vivência interpessoal: perceber temperamentos, humores, motivações e comportamentos de outras pessoas, procurando interpretá-los e entendê-los;
 - (con)vivência intrapessoal: saber ter acesso aos próprios sentimentos, idéias e aspirações, procurando interpretá-los e empregá-los na identificação de alternativas de solução pessoais. Procurar conhecer-se a si mesmo. Saber identificar, desenvolver e utilizar suas potencialidades. Saber e querer auto e livremente determinar-se.

2. Como caracterizar e como praticar avaliação por competência

Competência, capacidade e habilidade são componentes que sempre se fizeram presentes no processo avaliação-ensino-aprendizagem-conhecimento, mas de forma não ostensiva. Por isso, raras vezes têm sido trabalhados como elementos importantes a serem considerados no desempenho tanto do professor como do aluno.

Tem sido comum ao professor avaliar o desempenho e os avanços do aluno a partir de conteúdos e conhecimentos, precisamente. No entanto, agora ele se apercebe de ainda outros componentes importantes a serem considerados na docência -respeitadas as características de cada nível escolar-, podendo valer-se dos fatores competência, capacidade e habilidade no processo avaliação-ensino, o que lhe permite ainda maior visibilidade do potencial e do nível de progressão do aluno.

Avaliar por competência requer do professor aperceber-se, além do domínio de conteúdos e conhecimentos, da capacidade de alternativas de solução que o aluno sabe identificar ante às dificuldades que o processo de ensino-aprendizagem lhe impõe. A habilidade do aluno neste contexto de avaliação-ensino se caracteriza pela identificação de soluções rápidas, eficientes e eficazes no processo educacional.

Avaliação por competência, em comparação com a avaliação de ordem mais conteudística, estabelece os seus limites principalmente em nível de exigência qualitativa de desempenho, de empenho, de intervenção, de participação, de contribuição do aluno e não tanto na concepção de avaliação. Assim, a avaliação por competência no processo educativo se caracteriza em especial:

- pelo nível de desempenho que o aluno demonstra;

- pelo nível de exigência com que o aluno dispõe do seu potencial na identificação de alternativas de solução;
- pela capacidade criativa com que o aluno cumpre o seu papel na apreensão e na colocação em prática de conhecimentos existentes, bem como na participação da promoção de novos conhecimentos;
- pela habilidade que o aluno demonstra na identificação e na consecução das saídas consideradas as melhores, as mais ágeis e as mais conseqüentes;
- pela competência, capacidade e habilidade que o aluno demonstra em ser, em (re)agir, em fazer e em (con)viver.

A questão da competência é expressa sob dois aspectos interativos: o que compete e o competente. O primeiro diz respeito ao que é confiado ao professor e ao aluno no cumprimento de seus respectivos papéis, enquanto o segundo diz respeito à capacidade com que cada um desempenha o que lhe compete.

Então, como praticar a avaliação por competência? Certamente esta prática tem menos a ver com mudança de postura com relação à concepção de avaliação que o professor possui, e mais com o nível de exigência qualitativa de desempenho e contribuição do aluno, bem como com o desenvolvimento e o aproveitamento de suas potencialidades.

A prática da avaliação por competência-respeitadas as características de cada nível escolar-, além de levar em conta domínio de conteúdos, de conhecimentos, manifestação de habilidade na identificação de alternativas de solução, cultivo de espírito científico, conhecimento de causa no pensar, sensibilidade em ser, equilíbrio em (re)agir, habilidade em fazer e bom-senso em conviver do aluno, requer do professor valer-se de variáveis avaliativas de ordem macro, como, por exemplo:

- estudo de casos;
- situações midiadas;
- produção de material didático-pedagógico-cultural;
- montagem de situações de ensino-aprendizagem intra e extra sala de aula;
- emprego de portfólio para avaliação de desempenho;
- promoção de ciência e tecnologia mediante investigação.

Prima a avaliação por competência pelo chamamento do aluno ao comprometimento com a qualidade de seu desempenho, seja em nível especificamente educacional como na realidade diversa do meio social. E mais: forte ênfase

igualmente caracteriza a avaliação por competência no incentivo e apoio ao desenvolvimento das potencialidades com as quais o aluno mais se identifica.

3. Você, a avaliação por competência e um piloto de avião!



Percebe-se que um aluno de qualquer nível escolar e um piloto de avião são duas figuras que muito se prestam para o entendimento da avaliação por competência, por capacidade, por habilidade e (con)vivência.

A relação da avaliação com um piloto pode ser visualizada da seguinte forma:

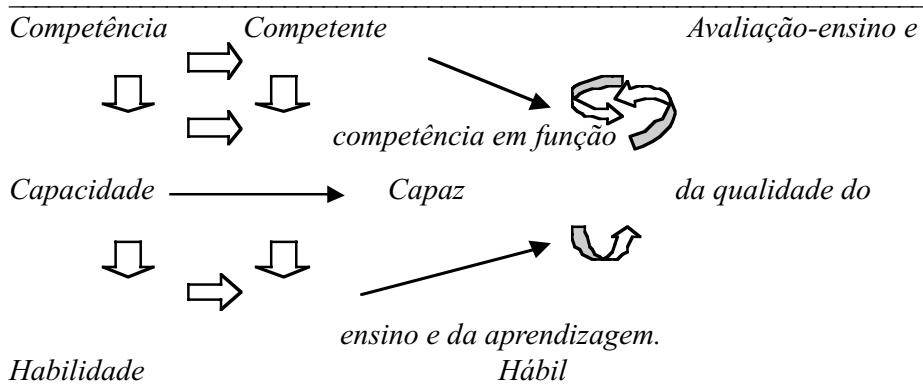
- por competência: que o piloto demonstre competência suficiente para alçar vôo;
- por capacidade: que o piloto demonstre capacidade necessária para assegurar o avião no ar;
- por habilidade: que o piloto demonstre a habilidade requerida em garantir vôo seguro;
- por (con)vivência: que o piloto saiba propiciar bem-estar aos passageiros ao alçar vôo, ao assegurar o avião no ar, ao garantir vôo seguro e ao aterrissar sem percalços.

Agora, substituindo o piloto por aluno, respeitados os objetivos e as características de cada nível escolar, pode-se perceber o papel da avaliação no contexto do desempenho do aluno no ensino-aprendizagem desta forma:

- por competência: que o aluno demonstre competência em (promover e) dominar e apreender conhecimentos;
- por capacidade: que o aluno demonstre capacidade em interpretar e relacionar conhecimentos;
- por habilidade: que o aluno demonstre habilidade em dar aplicabilidade e em saber aplicar conhecimentos;
- por (con)vivência: que o aluno saiba “ser-com-os-outros” a partir dos conhecimentos que domina, que interpreta e relaciona e que aplica; que o aluno saiba valorizar o passado, comprometer-se com o presente e vislumbrar o futuro; que o aluno saiba perceber mais e

melhor aquilo que está procurando perceber; que o aluno procure conhecer-se a si mesmo; que o aluno saiba identificar, desenvolver e utilizar suas potencialidades; que o aluno saiba e queira auto e livremente determinar-se; que o aluno se disponha a avaliar, a auto-avaliar-se e à mútua-avaliação.

Avaliação-ensino e competência: ajustamento entre concepções diversas



3.1. Avaliação por competência e níveis escolares: viva interação de competência, capacidade, habilidade e (con)vivência.

A questão da educação que se apresenta éposta sob dois aspectos: um, envolvendo a programação das disciplinas ofertadas, e outro, o enriquecimento pessoal propiciado pelas disciplinas e pelas demais atividades programadas e a consequente mudança comportamental a partir daí manifestada pelos estudantes.

Normalmente a bibliografia mundial trata mais da questão da educação a partir do que ela não é e muito pouco de sua concepção. Os posicionamentos generalísticos em torno da concepção de educação são plenamente compreensíveis, visto ela apresentar facetas diversas segundo as diferentes realidades em que ela é requisitada a intervir.

A educação, ainda que possa empreender efeitos universais, no entanto, igualmente se dirige, e sempre, para fins determinados.

E as exigências educacionais da sociedade como um todo são inúmeras e diversificadas, segundo as diferentes realidades em que são requeridas. No entanto, de forma universal, os níveis escolares, dentro de suas características, procuram aguardar da formação de seus estudantes aspectos como:

- consciência e compromisso com os problemas sociais de seu tempo e meio;
- capacitados para enfrentar o mundo do trabalho;
- preparados para o ingresso em níveis subseqüentes do ensino;
- informados para o exercício participativo e responsável da cidadania;
- competentes, capazes e hábeis na implementação de ensino com investigação nos níveis escolares que lhes competem.

A educação como aprendizagem tem como aliados privilegiados seus a capacidade, o caráter e a personalidade individuais de cada educando. E essa educação só pode ser querida e conquistada por cada um dos sujeitos por meio de seu empenho e influência transformadora sobre o seu próprio comportamento e a sua personalidade.

O papel do educador ante o educando é o de lhe mostrar e o de ajudá-lo a interpretar a realidade social que se apresenta e levá-lo a compreender, a reagir e a identificar alternativas de solução. Outro papel do educador é o de fazer o educando enxergar e compreender mais e melhor aquilo que pretende e deve ser visualizado segundo a proposta contida nos objetivos das diversas disciplinas, na sua individualidade e do programa como um todo.

O educador igualmente fomenta a promoção de novos conhecimentos com o educando, principalmente por meio de atividades de investigação, de estudos, de eventos, de leituras, de debates.

A concepção de educação, no caso, respalda-se no sentido latino da palavra educar que se expressa como “ex-ducere”, que significa levar ou trazer para fora, ajudar alguém a explicitar suas capacidades interiores. “Ex-ducere” também significa facilitar ou induzir o indivíduo a atualizar o próprio potencial.

Entende-se ser o educando o responsável maior pelo seu desenvolvimento global e por seus atos e decisões, sendo ele o seu próprio artífice. Enfim, cada um é o agente de sua educação.

Neste contexto, possivelmente seja viável conceber educação sob o panorama de cada nível escolar. Assim sendo, a educação pode ser concebida como conjunto de aprendizagens colocadas à disposição dos educandos que, a partir de sua autonomia de decisão, sejam capazes de redimensionar o seu modo de pensar e de agir, bem como de interpretar a realidade social, apontando-lhe alternativas de solução.

A avaliação-ensino interage neste contexto educacional, na dimensão de avaliar ensinando e de ensinar avaliando. E assim entendida a avaliação-ensino, possivelmente se torne mais fácil a percepção do encaminhamento das tendências teórico-práticas da educação que estão ocorrendo, hoje, já em presença

do século 21. Aguarda-se da ação da avaliação-ensino papel de termômetro e de mediação do desenvolvimento educacional igualmente a partir de uma visualização do que seja um bom professor e do que possa vir a ser um educador do futuro, por meio das seguintes novas-antigas ponderações:

- o bom professor certamente não é aquele que muito reprova ou aprova a todos;
- o educador do futuro é aquele que toma todas as medidas para que a aprendizagem aconteça para todos;
- o bom professor é aquele que sabe desviar-se da cultura da reprovação;
- o educador do futuro é aquele que sabe avaliar ensinando e ensinar avaliando;
- o bom professor é aquele que tem consciência do ato de ensinar;
- o educador do futuro é aquele que se preocupa em dar sentido aos conteúdos escolares, aproximando-os da realidade vivida pelos alunos;
- o bom professor não é somente aquele que disponibiliza uma grande gama de conteúdos aos alunos, mas o que sabe viabilizar a capacidade de associação de idéias dos estudantes;
- o educador do futuro é aquele que facilita a busca e seleção de informações;
- o bom professor é aquele que orienta o processo da passagem da informação para o conhecimento;
- o educador do futuro é aquele que auxilia na contextualização do conhecimento com a realidade vivenciada pelos estudantes;
- o bom professor é aquele que propicia o desenvolvimento da capacidade de aplicação consequente dos conhecimentos;
- o educador do futuro é aquele que procura conhecer a realidade pessoal e social dos alunos;
- o bom professor é aquele que procura inserir a realidade dos acontecimentos na estruturação dos conteúdos de suas disciplinas;
- o educador do futuro é aquele que sabe utilizar-se dos meios e instrumentos de comunicação, conectando o cotidiano com os diferentes contextos educacionais;
- o bom professor é aquele que sabe que a educação é a chave para a transformação da sociedade e para a melhoria da qualidade de vida das populações;

- o educador do futuro é aquele que sabe respeitar o jeito de ser, o ritmo e o conhecimento dos seus alunos;
- o bom professor é aquele que sabe reconhecer na educação o melhor meio para a conquista da cidadania;
- o educador do futuro é aquele que sabe trabalhar com alunos que manifestam maiores aptidões em uma disciplina do que em outra;
- o bom professor é aquele que sabe identificar e contornar os principais fatores que dificultam a aprendizagem;
- o educador do futuro é aquele que sabe ensinar, sim, mas que prefere trabalhar com o aluno e fazê-lo trabalhar e produzir (ensino com investigação);
- o bom professor é aquele que sabe contribuir na elaboração de projeto político-pedagógico para a sua unidade escolar e desenvolve as suas atividades a partir dele;
- o educador do futuro é aquele que sabe apontar os problemas de aprendizagem dos alunos, mas que também sabe identificar os problemas de “ensinagem” da escola e do professor;
- o bom professor é aquele que também sabe valorizar o que o aluno sabe e não principalmente o que não sabe;
- o educador do futuro é aquele que busca permanentemente o próprio aperfeiçoamento;
- o bom professor é aquele que percebe que os tempos mudam e que necessita neles mudar;
- o educador do futuro é aquele que sabe que, sendo bom educador, pode constituir, juntamente com a família, um dos principais pontos de equilíbrio do nível comportamental e da delinquência escolar e social;
- o bom professor é aquele que apresenta aos alunos mais dúvidas do que soluções;
- enfim, o bom professor e o educador do futuro primam pela alegria de educar.

Competência, capacidade e habilidade envolvem vivências, experiências, iniciativas, esforços e compromissos com a melhoria da qualidade de vida sócio-pessoal a ser valorizada de forma interativa entre instituição, aluno e sociedade. Trata-se de indicadores de potencialidades a serem desenvolvidas/desabrochadas com os alunos, obedecidas as características, finalidades e objetivos em cada nível escolar e segundo a capacidade de resposta de cada estudante.

3.1.1. Educação infantil: competência, capacidade, habilidade e (con)vivência.

Competência: desenvolvimento da criança até 6 anos de idade em sua forma integral: sócio-cultural e biopsicossocial.

- que a criança demonstre competência em dominar e apreender conhecimentos e possibilidades de interação social.

Capacidade: domínio de formas de aprendizagem e de compreensão, levando em conta:

- potencialidade física, psicológica, intelectual e social.
- que a criança demonstre capacidade criativa em perceber, reconhecer e relacionar conhecimentos.

Habilidade: demonstração de habilidades físicas, psicológicas, intelectuais e sociais.

Que a criança demonstre (alguma) habilidade em dar aplicabilidade e em saber aplicar conhecimentos.

(Con)vivência: adesão (voluntária) da criança à sociabilização e interação com o meio em que vive, a seu tempo e em ritmo próprio; reconhecer a si e aos que com ela convivem como “seres-com-os-outros”; disponibilizar-se para a partilha; sensibilizar-se com a necessidade de mútua colaboração; aperceber-se do direito ao bem-estar para si e para os outros; entender que a convivência sugere direitos e deveres.

PROFESSORES! Cabe aos professores trabalhar cada um dos componentes de avaliação-ensino, respeitados o ritmo de acompanhamento e as potencialidades de cada criança.

3.1.2. Ensino fundamental: competência, capacidade, habilidade e (con)vivência.

Competência: formação básica do cidadão para o exercício da cidadania e dos valores éticos.

- que o aluno demonstre competência em dominar e apreender conhecimentos.

Capacidade: domínio de formas de aprendizagem, de compreensão:

- do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores, fortalecimento dos vínculos de família.
- que o aluno demonstre capacidade criativa em interpretar e relacionar conhecimentos.

Habilidade: demonstração de habilidades com relação:

- à apreensão e promoção de conhecimentos;
- à importância da natureza como fator de sobrevivência da espécie humana e dos amigos;
- às relações sociais, visto ser o educando um ser-com-os-outros;
- ao sistema político como agente norteador da ordem pública e do desenvolvimento e bem-estar social;
- à tecnologia como fonte e meio de inovação no desenvolvimento de atividades;
- às artes como expressão da criatividade humana;
- aos valores como elementos comportamentais, de compreensão e de respeito ao ser humano, segundo a realidade social em que vive;
- que o aluno demonstre habilidade em dar aplicabilidade e em saber aplicar conhecimentos;
- (con)vivência: que o aluno saiba “ser-com-os-outros” a partir dos conhecimentos que domina, que interpreta e relaciona e que aplica, a seu tempo e em ritmo próprio; que o aluno saiba valorizar o passado, comprometer-se com o presente e vislumbrar o futuro; que o aluno saiba perceber mais e melhor aquilo que está procurando perceber; que o aluno procure conhecer-se a si mesmo; que o aluno saiba identificar, desenvolver e utilizar suas potencialidades; que o aluno se disponha a avaliar, a auto-avaliar-se e à mútua-avaliação.

PROFESSORES! Cabe trabalhar cada um dos componentes de avaliação-ensino, respeitados o ritmo de acompanhamento e as potencialidades de cada aluno.

Quadro 1 - Avaliação por competência, capacidade, habilidade e (con)vivência nas séries iniciais

Este quadro procura dar maior claridade ao entendimento da avaliação por competência, capacidade, habilidade e (con)vivência, tomando por exemplos as séries iniciais do ensino fundamental. No entanto, tal modelo poderá valer para o entendimento da avaliação por competência com relação aos demais níveis escolares, respeitadas as suas individualidades características.

1.ª série

- *Competência* em: apreender e dominar conhecimentos referentes à leitura e à escrita.
- *Capacidade* em: fazer leituras, produzir, interpretar, contextualizar e relacionar frases e pequenos textos com alguma realidade.
- *Habilidade* em: dar aplicabilidade e em saber aplicar conhecimentos na formulação criativa de diferentes tipos de textos para diversas necessidades.
- *(Con)vivência* em: beneficiar-se e propiciar bem-estar no grupo escolar com a possibilidade de produção de conhecimentos.

2.ª série

- *Competência* em: apreender e dominar conhecimentos em torno das quatro operações matemáticas, dos numerais, do sistema monetário...
- *Capacidade* em: interpretar e relacionar as quatro operações matemáticas, os numerais, o sistema monetário com situações-problema.
- *Habilidade* em: dar aplicabilidade e em saber aplicar de forma criativa cálculos na solução de situações-problema do dia-a-dia.
- *(Con)vivência* em: beneficiar-se e propiciar bem-estar no grupo escolar com a solução de situações-problemas.

3.ª série

- *Competência* em: apreender e dominar conhecimentos para a produção de textos.
- *Capacidade* em: interpretar e relacionar a produção textual com alguma realidade social.
- *Habilidade* em: dar aplicabilidade e saber aplicar de forma criativa os conhecimentos de elaboração de textos a diferentes formas de produção científica.
- *(Con)vivência* em: beneficiar-se e propiciar bem-estar no grupo escolar com a possibilidade de produção de conhecimentos.

4.ª série

- *Competência* em: apreender e dominar conhecimentos em torno da importância social da água e a necessidade de sua preservação.
- *Capacidade* em: interpretar e relacionar a importância da água e a necessidade de sua preservação com a melhoria da qualidade de vida.
- *Habilidade* em: dar aplicabilidade e em saber aplicar de forma criativa os conhecimentos em torno da água às diferentes necessidades sociais.
- *(Con)vivência* em: beneficiar-se e propiciar bem-estar no grupo escolar com o domínio dos conhecimentos em torno das diferentes possibilidades de utilização da água e da necessidade de sua preservação.

3.1.3. Ensino médio: competência, capacidade, habilidade e (con)vivência.

Competência: consolidação e aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental.

- Que o aluno demonstre competência em promover, dominar e aprender conhecimentos.

Capacidade: preparação básica para:

- o trabalho e o exercício da cidadania;
- aprimoramento como pessoa humana;
- a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos.
- Que o aluno demonstre capacidade criativa em interpretar e relacionar conhecimentos.

Habilidade: demonstração de habilidades de(em):

- adaptação rápida a novas realidades e circunstâncias;
- conduta e comportamento éticos;
- autonomia intelectual;
- pensamento crítico e reflexivo próprios;
- domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;
- conhecimentos das formas contemporâneas de linguagem;
- domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Psicologia necessários ao exercício da cidadania.

- Que o aluno demonstre habilidade em dar aplicabilidade e em saber aplicar conhecimentos.
- (Con)vivência: que o aluno saiba “ser-com-os-outros” a partir dos conhecimentos que domina, que interpreta e relaciona e que aplica, a seu tempo e em ritmo próprio; que o aluno saiba valorizar o passado, comprometer-se com o presente e vislumbrar o futuro; que o aluno saiba perceber mais e melhor aquilo que está procurando perceber; que o aluno procure conhecer-se a si mesmo; que o aluno saiba identificar, desenvolver e utilizar suas potencialidades; que o aluno se disponha a avaliar, a auto-avaliar-se e à mútua-avaliação.

PROFESSORES! Cabe trabalhar cada um dos componentes de avaliação-ensino, incentivando os alunos ao desenvolvimento da criatividade, à identificação de alternativas de solução, a pensar e a raciocinar com autonomia e à descoberta do “novo” (conhecimento).

3.1.4. Educação de jovens e adultos: competência, capacidade, habilidade e (con)vivência.

Competência: execução de estudos do ensino fundamental e médio não cumpridos em idade própria, tendo em vista a formação básica do cidadão.

- Que o aluno demonstre competência em promover, dominar e aprender conhecimentos.

Capacidade: demonstração de:

- domínio de formas de aprendizagem;
- compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores;
- fortalecimento dos vínculos de família;
- preparação básica para o trabalho e o exercício da cidadania;
- aprimoramento como pessoa humana;
- compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos.
- Que o aluno demonstre capacidade criativa em interpretar e relacionar conhecimentos.

Habilidade: a) demonstração de habilidades com relação:

- à apreensão de conhecimentos;
- à importância da natureza como fator de sobrevivência da espécie humana e animal;

- às relações sociais visto constituir-se o homem um ser-com-o-outro;
- ao sistema político como agente norteador da ordem pública e do desenvolvimento e bem-estar social;
- à tecnologia como fonte e meio de inovação no desenvolvimento de atividades;
- às artes como expressão da criatividade humana;
- aos valores como elementos comportamentais, de compreensão e de respeito ao ser humano, segundo a realidade social em que se encontra.

b) demonstração de habilidades de:

- adaptação rápida a novas realidades e circunstâncias;
- conduta e comportamento éticos;
- autonomia intelectual;
- pensamento crítico e reflexivo próprios;
- domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna;
- conhecimento das formas contemporâneas de linguagem;
- domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia necessários ao exercício da cidadania.
- Que o aluno demonstre habilidade em dar aplicabilidade e em saber aplicar conhecimentos.
- (Con)vivência: que o aluno saiba “ser-com-os-outros” a partir dos conhecimentos que domina, que interpreta e relaciona e que aplica, a seu tempo e em ritmo próprio; que o aluno saiba valorizar o passado, comprometer-se com o presente e vislumbrar o futuro; que o aluno saiba perceber mais e melhor aquilo que está procurando perceber; que o aluno procure conhecer-se a si mesmo; que o aluno saiba identificar, desenvolver e utilizar suas potencialidades; que o aluno se disponha a avaliar, a auto-avaliar-se e à mútua-avaliação.

PROFESSORES! Cabe trabalhar cada um dos componentes de avaliação-ensino, incentivando os alunos ao desenvolvimento da criatividade, à identificação de alternativas de solução, a pensar e a raciocinar com autonomia e à descoberta do “novo” (conhecimento).

3.1.5. Educação superior: cursos seqüenciais, de graduação, de pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado), de extensão: competência, capacidade, habilidade e (con)vivência.

Competência: consolidação pluridisciplinar:

- na formação profissional de nível superior, de investigação e de domínio e cultivo do saber humano.
- Que o aluno demonstre competência em promover, dominar e aprender conhecimentos.

Capacidade: demonstração de capacidade na(o):

- criação cultural e desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- trabalho de investigação científica;
- divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos;
- conhecimento dos problemas do mundo presente;
- promoção de atividades extensionistas;
- implementação de ensino-aprendizagem.
- Que o aluno demonstre capacidade criativa em interpretar e relacionar conhecimentos.

Habilidade: demonstração de habilidades:

- na produção intelectual mediante o estudo sistemático de temas e problemas relevantes;
- na inserção em setores profissionais e na participação do desenvolvimento da sociedade e na sua formação contínua;
- no desenvolvimento de ciência e de tecnologia, na criação e na difusão cultural;
- na comunicação do saber por meio do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- na integração dos conhecimentos adquiridos na estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
- na prestação de serviços especializados à comunidade;
- na difusão das conquistas e dos benefícios decorrentes da criação cultural e da investigação geradas na instituição;
- na interação e na contribuição entre os diferentes níveis escolares.
- Que o aluno demonstre habilidade em dar aplicabilidade e em saber aplicar conhecimentos.

- (Con)vivência: que o aluno saiba “ser-com-os-outros” a partir dos conhecimentos que domina, que interpreta e relaciona e que aplica, a seu tempo e em ritmo próprio; que o aluno saiba valorizar o passado, comprometer-se com o presente e vislumbrar o futuro; que o aluno saiba perceber mais e melhor aquilo que está procurando perceber; que o aluno procure conhecer-se a si mesmo; que o aluno saiba identificar, desenvolver e utilizar suas potencialidades; que o aluno se disponha a avaliar, a auto-avaliar-se e à mútua-avaliação.

PROFESSORES! Cabe trabalhar cada um dos componentes de avaliação-ensino, incentivando os alunos ao desenvolvimento da criatividade, à identificação de alternativas de solução, a pensar e a raciocinar com autonomia, bem como à promoção de ciência e tecnologia.

3.1.6. Educação especial: competência, capacidade, habilidade e (con)vivência.

Competência: cumprimento da educação escolar, segundo a necessidade especial manifestada pelo portador.

- Que o aluno demonstre competência em promover, dominar e aprender conhecimentos.

Capacidade: cumprimento da terminalidade específica, segundo o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de deficiências manifestadas.

- Consecução pelos superdotados, em menos tempo, do programa escolar.
- Que o aluno demonstre capacidade criativa em interpretar e relacionar conhecimentos.

Habilidade: demonstração de habilidades pelos alunos com necessidades especiais:

- em dar resposta à educação especial ofertada;
- na sua integração em classes comuns;
- na sua integração na vida em sociedade.
- Que o aluno demonstre habilidade em dar aplicabilidade e em saber aplicar conhecimentos.

(Con)vivência: que o aluno saiba “ser-com-os-outros” a partir dos conhecimentos que domina, que interpreta e relaciona e que aplica, a seu tempo e

em ritmo próprio; que o aluno saiba valorizar o passado, comprometer-se com o presente e vislumbrar o futuro; que o aluno saiba perceber mais e melhor aquilo que está procurando perceber; que o aluno procure conhecer-se a si mesmo; que o aluno saiba identificar, desenvolver e utilizar suas potencialidades; que o aluno se disponha a avaliar, a auto-avaliar-se e à mútua-avaliação.

PROFESSORES! Cabe trabalhar cada um dos componentes de avaliação-ensino, respeitados o ritmo de acompanhamento e as potencialidades de cada aluno.

Quadro 2 - Avaliação por competência, capacidade, habilidade e convivência: sua relação com inteligências múltiplas

Para GARDNER,

- a inteligência não caracteriza traço unitário;
- os seres humanos são capazes de desenvolver, pelo menos, sete inteligências;
- todos os indivíduos possuem habilidades básicas nas sete inteligências;
- o desenvolvimento de cada inteligência é determinado por fatores genéticos, neurobiológicos e ambientais;
- as pessoas diferem entre si quanto aos seus perfis intelectuais.

O presente quadro propõe lançar maior luz à compreensão das inteligências múltiplas, procurando visualizá-las a partir da performance da avaliação por competência, capacidade, habilidade e (con)vivência.

Sabe-se que não se pode mais limitar o número de inteligências em sete, somente, pois o seu aumento numérico está atrelado à célere evolução sócio-pessoal dos seres humanos.

1. Inteligência linguística:

- *Competência* em: apreender e dominar conhecimentos em torno da construção da linguagem escrita e falada.
- *Capacidade* em: interpretar e relacionar conhecimentos de linguagem escrita e falada com situações diversas.
- *Habilidade* em: dar aplicabilidade e aplicar de forma criativa conhecimentos de linguagem escrita e falada.

- *(Con)vivência* em: beneficiar-se e em propiciar bem-estar social com o domínio de conhecimentos a partir da linguagem escrita e falada.

II. Inteligência lógico-matemática:

- *Competência* em: apreender e dominar conhecimentos em torno da construção do raciocínio lógico, de reconhecimento e solução de problemas.
- *Capacidade* em: interpretar e relacionar o raciocínio lógico, o reconhecimento e solução de problemas.
- *Habilidade* em: dar aplicabilidade e aplicar o raciocínio lógico, em reconhecer e dar solução a problemas.
- *(Con)vivência* em: saber beneficiar-se e propiciar bem-estar social com a solução de situações-problema.

III. Inteligência musical:

- *Competência* em: apreender e dominar conhecimentos musicais.
- *Capacidade* em: reconhecer, relacionar e saber interpretar conhecimentos quanto a diferentes estilos musicais.
- *Habilidade* em: dar aplicabilidade e em saber aplicar com criatividade de conhecimentos musicais.
- *(Con)vivência* em: saber beneficiar-se e propiciar bem-estar social com o domínio de conhecimentos musicais.

IV. Inteligência espacial:

- *Competência* em: apreender e dominar conhecimentos em torno da criação, manipulação ou representação de formas ou objetos em nível visual ou espacial.
- *Capacidade* em: interpretar e relacionar formas ou objetos mentalmente, visualmente ou espacialmente.
- *Habilidade* em: dar aplicabilidade e em saber aplicar com criatividade de formas ou objetos mentalmente, visualmente ou espacialmente.
- *(Con)vivência* em: saber beneficiar-se e propiciar bem-estar social com a manipulação e representação de formas ou objetos em nível mental, visual ou espacial.

V. Inteligência cinestésica:

- *Competência* em: apreender e dominar conhecimentos em torno de diferentes movimentos corporais.
- *Capacidade* em: interpretar e relacionar conhecimentos na utilização do corpo no controle de movimentos esportivos ou em artes cênicas.
- *Habilidade* em: saber utilizar-se com criatividade do corpo no controle de movimentos esportivos e na consecução de artes cênicas.
- *(Con)vivência* em: saber beneficiar-se e propiciar bem-estar social com a possibilidade de utilização do corpo no controle de movimentos esportivos e na consecução de artes cênicas.

VI. Inteligência interpessoal:

- *Competência* em: apreender e dominar conhecimentos em torno de temperamentos, desejos e humores das pessoas.
- *Capacidade* em: identificar, interpretar e relacionar temperamentos, desejos e humores das pessoas com base na individualidade de cada um.
- *Habilidade* em: dar aplicabilidade e em saber aplicar com criatividade de conhecimentos referentes a temperamentos, desejos e humores das pessoas com base na individualidade de cada um, mediante a utilização de diferentes técnicas.
- *(Con)vivência* em: saber beneficiar-se e propiciar bem-estar social a partir do conhecimento mútuo dos temperamentos, desejos e humores das pessoas.

VII. Inteligência intrapessoal:

- *Competência* em: saber detectar sentimentos, necessidades e em auto-conhecer-se para a solução de situações-problema.
- *Capacidade* em: interpretar e relacionar sentimentos, reações e necessidades detectadas.
- *Habilidade* em: dar aplicabilidade e em saber aplicar com criatividade de conhecimentos a partir de sentimentos, reações e necessidades humanas detectadas.
- *(Con)vivência* em: saber beneficiar-se e propiciar bem-estar social com a possibilidade de identificação e interpretação de sentimentos, reações e necessidades pessoais e mútuas detectadas.

4. Em termos de competência, capacidade, habilidade e (con)vivência: formar que profissional?

As crescentes exigências de toda ordem a serem satisfeitas pelo desenvolvimento provocam sempre maior surgimento de conhecimentos postos rapidamente à vista das populações pelos meios de comunicação, por deferência da mundialização ou da globalização.

Entende-se que, ao longo do século XXI, novos conhecimentos triplicarão a cada dois anos. E dentro deste contexto, encontra-se o educador, a quem cabe, em especial, saber discernir e agir como profissional da educação em meio a um volume tão intenso de saberes colocados à sua disposição.

Velhos desvios educacionais deverão dar lugar a novas exigências profissionais. Assim sendo, não mais poderá ser aceita a livre convivência e concorrência entre atividades profissionais compatíveis e comprometedoras.

Sabe-se que “o despreparo pedagógico de muitos professores, a emergência das novas tecnologias e a necessidade de mais competência no gerenciamento da educação são elementos que se somam para tornar cada vez mais urgentes medidas capazes de romper as barreiras que hoje amarram o ensino brasileiro e comprometem o próprio futuro da nação.” (SOUZA, 2000) Tal situação clama por reações rápidas por parte dos educadores, apreendendo um nível de conhecimento requerido de forma ao menos mínimo socialmente. E como diz o cientista social Lester Thurow (Editorial, 2000), é o conhecimento “a única fonte de vantagem competitiva sustentável a longo prazo.”

A educação superior ainda não consegue oferecer cursos com qualidade minimamente uniforme. Em praticamente todos os cursos há discrepâncias quanto à formação que oportunizam, que vão do nível elevado ao insatisfatório. Para fins de exemplificação, apenas, serão, aqui citadas algumas das profissões de maior relevância social, guindadas por cursos no âmbito da educação superior. Em outras palavras, um mesmo curso consegue formar profissionais com excelente domínio em alguns aspectos, mas que em outros deixam a desejar, o que, muitas vezes, compromete a atuação do novo profissional. Tal fato muito se deve à deficiência no domínio de conhecimentos no âmbito interdisciplinar.

Praticamente todos os cursos em nível superior demonstram pontos fortes de competência, capacidade e habilidade, mas paralelamente também mostram fragilidades por vezes comprometedoras ao bem-estar e até à sobrevivência humana. Cite-se, por exemplo, a área de construção civil, detentora de obras de imensa qualidade, espelhando conforto e benefício social, mas que, por vezes, oferece serviços que vão da precariedade à desgraça social:

- são obras de boa qualidade e edifícios que sucumbem e matam;
- são estradas de primeira linha e estradas perigosas, com declives/aclives, oferecendo lençóis de água mortíferos;
- são estradas excelentes e estradas mal sinalizadas;
- são estradas que oferecem conforto e segurança, e estradas sem acostamentos que permitam refúgio seguro;
- há pontes que levam ao bom caminho, mas também existem pontes construídas em curvas fechadas, com degrau em cada uma de suas cabeceiras.

A medicina é outra área que beneficia imensamente a humanidade, mas que também demonstra precariedades de toda a ordem, em alguns setores:

- há acesso qualificado para uma parca minoria de pessoas, mas há grandes dificuldades no atendimento a uma grande maioria da população guindada com menos recursos;
- muitas das doenças são de domínio da comunidade médica, mas um grande contingente delas está sendo acolhido pelo século XXI como ainda sem solução para a medicina. É o que “diga” a popular gripe.

E o que dizer dos cursos formadores de formadores? Muitos deles conseguem fazer a leitura do passado, do presente e perspectivar o futuro, mas outros tantos conseguem apenas “fabricar” concluintes, sem formar formadores qualificados. Daí:

- que 30,5% dos brasileiros com mais de 15 anos são analfabetos funcionais, que não sabem ler ou escrever muito mais do que o próprio nome e, muito menos, assimilar textos complexos (PNAD, 1999);
- que grande parte da mão-de-obra tem baixa qualificação, o que a marginaliza de empreendimentos de alta tecnologia agregada (*ibid*, 1999);
- que um grande contingente de professores do Ensino Fundamental não sabe alfabetizar e uma considerável parcela dos professores do Ensino Médio não sabe ensinar (SOUZA, 1999);
- ...que os professores não aprendem a ensinar (*ibid*, 1999).

Por outro lado, segundo o PNAD (1999), o Brasil também vem demonstrando grandes avanços em todas as áreas nos últimos anos, mas que ainda não conseguem ser de todo satisfatórias. Veja-se que:

O mais completo retrato social e econômico do país, a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD) relativa a 1999, recém-divulgada pelo IBGE, revela um cenário de luzes e de sombras. De acordo com esse trabalho,

o mais completo depois dos censos efetuados a cada década, o Brasil tem hoje mais crianças freqüentando a escola, as famílias são menores e amplia-se o contingente de cidadãos com mais de 60 anos. A população vive em condições melhores do que em anos anteriores: a maioria tem acesso a água encanada, saneamento básico, eletricidade e está cada vez mais equipada de telefones. São, esses, dados próprios de uma nação que redescobre o rumo do desenvolvimento, embora outras realidades se mostrem seriamente contrastantes com esse lado luminoso do cenário brasileiro neste final de milênio (PNAD-Zero Hora Digital, 1999).

Apesar dos pesares por conta do despreparo de significativo contingente dos formadores de formadores, é a educação que demonstra os melhores índices de desempenho nos últimos anos. Ainda bem que:

A educação é, claramente, a área em que se produziram mais avanços neste país. Trata-se de um salto de qualidade, em um mundo no qual o conhecimento é hoje sinônimo de afluência social e econômica. Na faixa etária dos 7 aos 14 anos, não mais do que 4,3% das crianças estão fora da escola. Isso corresponde praticamente à universalização do ensino fundamental. Espelha também uma nítida evolução, já que aquela cifra era de 5,3% em 1998, 9,8% em 1995 e 16,2% em 1989. O analfabetismo entre pessoas com mais de 10 anos caiu igualmente, de 18,2% em 1989 para 12,3% em 1999. (ibid, 1999).

O PNAD (1999) ainda apresenta outros resultados que demonstram evolução positiva, mesmo que de forma lenta, mas que certamente podem ser conferidos a uma das várias conquistas da educação.

Há outros dois aspectos denotadores de que a nação tende a trilhar os caminhos das sociedades desenvolvidas. O número de filhos por mulher experimenta declínio acentuado. Em 1991 a mulher brasileira tinha em média 2,9 filhos. No ano passado a taxa de fecundidade se havia reduzido para 2,3. Com isso as famílias estão menores e teoricamente podem melhor prover sua subsistência. Há um outro fator próprio dos povos do Primeiro Mundo que começa a se acentuar entre nós: o progressivo envelhecimento da população, que normalmente é consequência de melhor assistência à saúde. Os idosos, que eram 7,4% do total de habitantes em 1995, chegaram a 9,1% em 1999. Por fim, mas não menos importante, há parcelas cada vez maiores de brasileiros contando com serviços básicos indispensáveis a uma existência digna. Água, coleta de lixo, energia elétrica beneficiam entre 76% e 94% dos domicílios. E de 1995 para 1999 subiu de 22,4% para 37,5% o percentual de lares que contam com telefone fixo ou celular. Em outras palavras, há milhões de pessoas desembarcando na era da comunicação.

No entanto, o mesmo censo (PNAD, 1999) que retrata índices de evolução de bem-estar social positivos, também demonstra outros que persistem em deprimir grande parte da população do país. E é neste contexto que os educadores desenvolvem grande parte de suas atividades, mas vêem a sua implementação muitas vezes dificultada por tais discrepâncias evolutivas.

Uma das mais sérias chagas sociais que continuam a minar o organismo desta nação é contudo a aberrante disparidade de renda. A crise da desvalorização do real cobrou dos trabalhadores uma perda de 7,1% em seus ganhos. Uma recuperação significativa ocorreu no período inicial de vigência do programa de estabilização. Apesar de sua maior escolaridade, a mulher continua discriminada em termos salariais. A baixa remuneração é contudo apenas um dos lados da moeda. Bem mais inquietante é a iníqua concentração de renda: no ano último, 11,1% das famílias tinham rendimento de até 1 salário mínimo. Ao mesmo tempo, 5,9% das famílias viviam com mais de 20 salários mínimos. São cifras escandalosas. Elas demonstram que esta persistsente uma das sociedades mais desiguais não apenas das Américas, mas do mundo. Não pode haver prioridade maior para os governos de todos os níveis do que construir, a partir dessas disparidades e injustiças, uma nação tão próspera quanto solidária.

Seja como for, são os educadores a reserva ética e moral avançada do país. A sua importância no contexto educacional jamais dará lugar exclusivo a outros tipos ou instrumentos formadores. As tecnologias sempre serão bem-vindas aos educadores, mas não os excluirão do processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho do educador não desaparece, ainda que por vezes não apareça na devida dimensão. Como alguém já disse, o trabalho do educador é como o de pedreiro que constrói uma casa, mas quando aparece o decorador, a sua obra fica esquecida. Após a casa decorada, poucas ainda se lembram do pedreiro, mas do decorador, sim.

A competência, a capacidade e a habilidade do educador investem na formação continuada do ser humano, cuja demonstração de progresso é lenta, não salta rapidamente aos olhos. Ao passo que o trabalho do decorador em pouco tempo torna-se vistoso e admirado.

O educador atua junto a seres humanos, cuja mudança comportamental é lenta. Assim sendo, o homem é o único animal que precisa ser ensinado. O patinho, quando nasce, sai nadando. O homem, quando nasce, precisa ser ensinado a andar.

Para o homem é preciso perguntar o que pretende ser no futuro. Para o patinho não é necessário fazer tal pergunta, pois, para ele, o futuro já está presente.

As narrativas a seguir pretendem servir de incentivo à permanente reflexão ante necessidades de argumentação, de decisão e de identificação de alternativas de solução, bem como de alerta para diferenças comportamentais com as quais o educador e o aluno vão se deparando ao longo da atuação que lhes compete no desenvolvimento do ensino-aprendizagem-avaliação.

E assim nasceu a manteiga...

Era uma vez dois ratinhos, que viviam numa casa velha. Certa noite, passeando pela cozinha, os dois encontraram uma tigela imensa de coalhada, coberta por um pano. Debruçaram-se por baixo do pano para comer, mas a gulodice era tanta que um deles acabou caindo e, na queda, agarrou-se ao outro, que caiu também.

Os ratinhos então começaram a debater-se, e debater-se, e debater-se na tentativa de sair dali, mas as bordas da tigela eram escorregadias demais. Desesperado, um deles entregou os pontos e afundou. O outro rato continuou nadando e nadando. Quando se cansava demais, boiava um pouco, depois voltaava a nadar, buscando forças não sabe de onde.

De manhãzinha, a cozinheira foi verificar como estava a sua coalhada e teve duas surpresas. Primeiro, assustou-se ao ver um rato morto na tigela. Mas a surpresa maior foi ver que a coalhada tinha virado manteiga, como se alguém a tivesse batido a noite toda. E, por cima, havia o rastro das pegadas de um rato que tinha ido embora caminhando. (Autor desconhecido).

O Evangelho do Dia:

O novo vigário tinha a fama de ser o maior orador da diocese. No primeiro domingo depois de sua investidura, a igreja estava, como se dizia antigamente, à cunha. Todos queriam testar a oratória do novo pastor.

Na hora do sermão, ele se virou para o rebanho e perguntou: "Irmãos, sabeis o evangelho do dia?" As ovelhas balançaram a cabeça, não, não sabiam, queriam beber os seus ensinamentos. O padre não se apertou: "Vejo que vocês não conhecem o evangelho de hoje. Logo, não devemos perder tempo com aquilo que todos já sabem. Vamos rezar que é mais útil".

No domingo seguinte, o padre fez a mesma pergunta. O rebanho, entusiasmado, balançou a cabeça, afirmativamente, pois todos sabiam. O padre mais uma vez escapou: "Irmãos, vejo com alegria que vocês conhecem o evangelho do dia. Não vamos perder tempo com aquilo que todos já sabem. Orar é mais necessário". E continuou a missa.

O rebanho se reuniu e combinou que, no próximo domingo, metade diria que conhecia e a outra metade que não, e assim teriam o sermão. Não deu

outra. O padre perguntou: “Irmãos, sabeis o evangelho de hoje”? As ovelhas do lado direito da igreja balançaram a cabeça negativamente, a outra metade balanço afirmativamente. Estava posto o desafio.

Mas o padre saiu-se com esta: “Meus irmãos, vejo que a metade do meu rebanho conhece o evangelho de hoje, a outra metade não. Assim, as ovelhas que sabem devem contar para as que não sabem os ensinamentos do dia. Vamos orar, que orar é preciso”. E continuou a missa. (Folha de São Paulo, 27/07/95-Carlos Heitor Cony)

A volta do velho professor:

Em pleno século XX, um grande professor do século passado voltou à Terra e, chegando à sua cidade, ficou abismado com o que viu: as casas altíssimas, as ruas pretas, passando umas sobre as outras, com uma infinidade de máquinas andando em alta velocidade; o povo falava muitas palavras que o professor não conhecia (poluição, avião, rádio, metrô, televisão...); os cabelos de umas pessoas pareciam com os do tempo das cavernas... e as roupas deixavam o professor ruborizado.

Muito surpreso e preocupado com a mudança, o professor visitou a cidade inteira e cada vez compreendia menos o que estava acontecendo. Na igreja, levou susto com o padre que não mais rezava em latim, com o órgão eletrônico mudo e com um grupo de cabeludos tocando uma música estranha. Visitando algumas famílias, espantou-se com o ritual depois do jantar: todos se reuniam durante horas para adorar um aparelho que mostrava imagens e emitia sons. O professor ficou impressionado com a capacidade de concentração de todos: ninguém falava uma palavra diante do aparelho.

Cada vez mais desanimado, foi visitar a escola -e, finalmente, sentiu um grande alívio, reencontrando a paz. Ali, tudo continuava da mesma forma como ele havia deixado: as carteiras uma atrás da outra, o professor falando, falando... e os alunos escutando, escutando, escutando... (De autor desconhecido).

Macaquices:

Um grupo de cientistas colocou cinco macacos numa jaula. No meio, uma escada e, sobre ela, um cacho de bananas. Quando um macaco subia na escada para pegar as bananas, os cientistas jogavam um jato de água fria nos que estavam no chão. Depois de algum tempo, quando um macaco fazia menção de subir a escada, os outros o pegavam e enchiam de pancada. Após mais algum tempo, nenhum macaco queria subir a escada, apesar da tentação das bananas.

Um dia, substituíram um dos macacos por um novo. A primeira coisa que o calouro fez foi tentar subir a escada, mas foi impedido pelos outros, que o

surraram. Depois de algumas surras, o novo integrante dos grupo desistiu de subir a escada. Um segundo macaco foi substituído e o mesmo ocorreu, sendo que o primeiro substituto participou com entusiasmo da surra no novato. Um terceiro foi trocado e o mesmo ocorreu. Um quarto, e afinal, o último dos veteranos foi substituído.

Os cientistas então ficaram com um grupo de cinco macacos que, mesmo sem nunca ter tomado um banho frio, continuavam batendo naquele que tentasse pegar as bananas. Se fosse possível perguntar aos macacos porque batiam em quem tentasse subir a escada, com certeza a resposta seria: “Não sei, mas as coisas por aqui sempre foram assim.” (De autor desconhecido).

5. Universidade: onde a qualidade custa menos que a não-qualidade.

A Universidade brasileira é ainda jovem, encontrando-se em plena fase de afirmação. Vem ela se debatendo entre a qualidade necessária e a de possível oferta.

De tempos em tempos é ela “sacudida” principalmente por algum organismo social, cobrando-lhe maior qualidade interna e maior nível de intervenção na sociedade. A poeira do natural alvoroço aos poucos vai se assentando, deixando no seu rastro alguns sinais de reação. E, no caso, a melhor defesa é o contra-ataque que busca firmar qualidade consequente.

O Ministério da Educação e do Desporto-MEC vem desencadeando dois processos paralelos de avaliação com relação a instituições de ensino superior. Um por meio do Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras-PAIUB e outro mediante a aplicação do Exame Nacional de Cursos - “provão” - e de mais alguns indicadores de qualidade, caracterizando, possivelmente, duplicação de esforços para um mesmo fim.

Com certeza, toda a iniciativa avaliativa com bons princípios deve ser aplaudida, pois avaliar é preciso sempre, ainda mais quando a partir daí se torna possível desencadear a identificação da realidade qualitativa da Instituição com vistas ao seu redimensionamento com medidas consequentes.

No entanto, quando uma ação avaliativa externa se interpõe na autonomia da individualidade política de desenvolvimento das IES, configura-se, então, nítida conotação de ranking interinstitucional. E um exemplo explícito de ranking de IES e de cursos é o que decorre da avaliação anual realizada pela Revista Playboy, provocando falso otimismo junto aos cursos que por ela receberam boa pontuação.

Comparar Instituição de Ensino Superior-IES com outra e curso de um com o de outro estabelecimento de ensino superior, certamente não conduz a bom destino. No entanto, estabelecer quadro comparativo de uma mesma IES consigo mesma e de um mesmo curso -de uma mesma Instituição- com ele próprio, poderá, isto sim, propiciar dados relevantes para a tomada de iniciativas de redimensionamento dos rumos de sua filosofia e de seus objetivos, e, consequentemente, do desempenho da própria gestão universitária. A questão da avaliação sugere para a Instituição, antes de tudo, autonomia; autonomia pressupõe qualidade; e qualidade é condição da Universidade.

Toda vez que a Universidade é chamada à responsabilidade, procura ela reagir e, normalmente, com determinação de qualidade. E qualidade é a palavra-chave necessariamente presente em toda a ação a implementar, ainda que não seja nada fácil dar-lhe uma definição de forma acabada.

Qualidade total, em especial, de domínio ainda bastante restrito e localizado, depara-se com sério desafio com relação à sua plena compreensão e implementação universal, principalmente quando se trata do respeito a ser devidado à característica individual do alvo a atingir.

Como exemplos característicos podem ser apontados a indústria e o estabelecimento de ensino superior, onde cabe à metodologia de implementação da qualidade total respeitar a filosofia e o ritmo de desenvolvimento próprio de cada um. Aliás, qualidade total é um legado que vem como proposta dos Estados Unidos, como chamamento de intervenção plena e consequente em todas as ações propostas.

Qualidade é a razão de ser da Universidade, apesar da subjetividade que o termo possa conter, principalmente em sua definição. Qualidade não ocorre quando se é razoável, apenas. A qualidade tem grandes possibilidades de ocorrer quando é bem feito tudo o que deve ser realizado, especialmente havendo envolvimento universal dos recursos qualificados disponíveis.

Qualidade é questão de sobrevivência da Universidade. Qualidade não pode ser gratuita, mas certamente custa muito menos que a não-qualidade. A não-qualidade redonda em perda de tempo, de dinheiro, de esperança e de paciência. A qualidade necessariamente se encontra também no processo e não somente no produto. Qualidade ocorre com grande probabilidade quando existe adequação da ação ao uso. Enfim, a conquista da qualidade é uma questão de caminhada progressiva, permanente e de participação plena, com horizontes consequentes.

A Universidade certamente se impõe na sociedade pelo nível de sua qualidade. No entanto, nenhuma Universidade brasileira, por ora, pode se dar ao luxo de ser considerada centro de excelência em todos os seus quadrantes, ainda

que tal deveria ser seu fim próximo. Quanto maior a excelência da Instituição, maior possibilidade possui ela de ser atingida pela qualidade em universo amplo, como que por osmose.

A Universidade constrói-se no dia-a-dia, em ritmo próprio. E ela sabe de suas limitações e do que lhe cabe fazer. Sabe que a sua lógica é a da verdade e não a do mercado de trabalho. Sabe que o caminho para a sua afirmação é o do exercício solidário do ensino e da pesquisa.

Sabe-se que a Universidade brasileira, como um todo, efetivamente não está a corresponder de forma plena aos anseios básicos da sociedade. Como se não tivesse bastado o estabelecimento do então fatídico ranking das IES divulgado pelo diário O Estado de São Paulo (1994), o UNICEF apontou, na época, - com parcias melhorias de lá para cá- uma dolorosa realidade que referencia a educação básica brasileira como a pior dentre os países da América Latina, incluindo o Caribe, em termos de desempenho, quando comparada ao potencial econômico do país. Sinal claro de que a Universidade, por meio dos ensinos de graduação e da pós-graduação, ainda não consegue atingir suficientemente a ponta onde se localiza a deficiência: a escola.

No entanto, a Universidade também sabe do que lhe cabe fazer. Sabe ela que não pode ficar submissa à sociedade, adaptando seus currículos às constantes tendências e flutuações da demanda de profissionais no mercado de trabalho. Sabe ela que os currículos devem ser bons, e que seu sucesso depende principalmente de quem os desenvolve, por isso, não constitui disparate afirmar que o melhor do currículo advém do professor.

O currículo é um guia para o desenvolvimento do ensino, não sendo somente o que consta do papel, mas passa ele fortemente pelo coletivo dos professores e alunos, como também pela lógica da sociedade e do mercado de trabalho. Sabe ela que o desenvolvimento dos currículos -principalmente o dos cursos de licenciatura- exige qualificação, criatividade e sincera mudança da prática pedagógica por parte dos professores.

A Universidade também sabe das ações internas e da parceria a ser estabelecida com a sociedade, com vistas ao necessário desenvolvimento de ambas.

Quiçá venha a ser a autonomia plena e responsável uma das tábuas de salvação para a Universidade. Pois a autonomia é uma conquista que vem sendo perseguida desde o século XII, quando as Universidades de Bolonha e de Paris procuravam livrar-se das ingerências da Igreja e do Estado. No entanto, autonomia, antes de ser encarada como liberdade, significa responsabilidade para com a qualidade em tudo o que a Universidade faz.

A autonomia não é um dote, mas uma conquista quando há qualidade. Autonomia não é soberania nem do Estado e nem da Universidade. Infelizmente

as Constituições -federal e estaduais- não concedem autonomia financeira plena às IES. A elas é permitida somente autonomia de gestão financeira em torno dos recursos a elas concedidos e não a partir do que realmente necessitam, o que compromete seriamente o exercício da autonomia universitária.

As Universidades não estão a lutar por privilégios reservados, mas por um maior reconhecimento no cumprimento de suas funções internamente e no meio social. Por outro lado, menos mal estar-se firmando mais e mais nas IES um agente que basicamente só depende delas: a criatividade.

Considerações Finais

Desenvolver ensino é preciso; avaliá-lo torna-se imprescindível; saber avaliá-lo, melhor ainda. A sua mútua colaboração representa um passo a frente quando se entende que se ensina avaliando e se avalia ensinando com competência, capacidade, habilidade e (con)vivência.

A concepção de avaliação-ensino certamente está a permitir não uma avaliação diferenciada, mas uma avaliação diferente no seu sentido e em sua prática. Não permitir o agora ensinar e o depois avaliar assegura ao processo educativo uma performance de dinamicidade e de atualidade no contexto do desenvolvimento e da realidade social.

E avaliar por competência procura estabelecer elo de ligação firme entre professor, aluno e profissional em função do saber-ser, do saber-ter, do saber-(re)agir, do fazer-saber e do saber-conviver. Enfim, avaliar por competência, sim, mas acima de tudo valorizar a capacidade criadora e empreendedora do aprendiz e do profissional.

Referências bibliográficas

BORDALLO, I. e GINESTET, J. P. Pour une Pedagogie du Projet. Paris: Hachette. 1993.

BOTH, I. J., MATRAS, F. B.; RODRIGUES, S. F. Avaliação Institucional visa à Melhoria da Qualidade do Ensino: resgate da primeira experiência avaliativa da UEPG (1994/95). *Anais - Curso de Mestrado em Educação/UFPR*, Curitiba-PR (UFPR), 1999.

BOTH, I. J. **Avaliação-Ensino e Institucional:** investimento de qualidade no ensino. Mestrado em Educação, FURB-Blumenau-SC, v. 2, n. 7, p. 11-30, 1999.

BOTH, I. J. **Avaliar a Universidade é Preciso**: agente de modernização administrativa e da educação. Avaliação Institucional UNESCO UNB, Brasília-DF (UNB/UNESCO), v. 8, n. 8, p. 143-164, 1999.

BOTH, I. J. **Avaliar o Ensino é Investir na Qualidade**: uma questão de avaliação institucional. II Seminário de Pesquisa em Educação ANPED Região Sul UFPR, Curitiba-PR (UFPR), 1999.

BOTH, I. J. Avaliação-Ensino:ensino por excelência. *Anais* (em Cd Rom), Florianópolis-SC (UFSC), 1998.

BOTH, I. J. **Avaliação Institucional**: agente de modernização administrativa e da educação. Avaliação, Campinas-SP: UNICAMP, v. 2, n. 3, p. 33-42, 1997.

BOTH, I. J. **Avaliação Institucional**: ato político de desenvolvimento universitário. Tempo da Ciência, Toledo-PR, v. 3, n.5, 1996.

BOTH, I. J., MARCOVICZ, M. T. **A municipalização do ensino em processo de avaliação**. Publicatio UEPG, Ponta Grossa-PR (UEPG), p.71-84, 1995.

BOTH, I. J. **Processo de Avaliação Institucional**: agente de política universitária. Ensaio, Rio de Janeiro-RJ (CESGRANRIO), v. 3, n. 8, p. 253-262, 1995.

BOTH, I. J. **Um processo de avaliação institucional**. Caderno da PROGRAD, Ponta Grossa-PR (UEPG), n. 5, p. 1-79, 1994.

BOTH, I. J. **Projeto de Ensino num Contexto de Planejamento Educacional**. Caderno da PROGRAD, n. 4, p. 1-34, 1993.

BOTH, I. J.; BRUSTOLIN, C. M.; SOUZA, C. N. B.; DE, R. D. **Tendências de Encaminhamento do Processo Avaluativo da Aprendizagem no Ensino de Primeiro Grau**. Guairacá, Guarapuava-PR, v. 10, p. 93-103, 1993.

BOTH, I. J. **A Qualidade da Universidade passa -primeiro- pela Graduação: no âmbito de um projeto pedagógico**. Caderno da PROGRAD, Ponta Grossa-PR (UEPG), n. 2, p. 1-59, 1992.

BOTH, I. J. **A Questão da Avaliação Institucional**. Caderno da PROGRAD, Ponta Grossa-PR (UEPG), n. 1, p. 1-27, 1992.

BOTH, I. J. **Da Verificação à Avaliação da Aprendizagem: processos antagônicos**. Caderno da PROGRAD, Ponta Grossa-PR (UEPG), n. 3, p. 1-32, 1992.

CENTRA, J. A. A Utilização do Portfólio do Ensino e das Avaliações dos Estudantes na Avaliação Somativa. *Journal of Higher Education*. V. 65, n. 5, set./out. 1994.

CONSELHO de Reitores das Universidades Brasileiras. Melhoria e Responsabilização: Navegando entre Cila e Caribdis. **Manual de Avaliação Externa da Qualidade no Ensino Superior**. Brasília, 1996. 188p. (Estudos e Debates 18).

DEFFUNE, D. e DEPRESBITERIS, L. **Habilidades, uma questão de competências?** Brasilia: FAT/CODEFAT. 1996.

DELORS, J. et. al. Educação: um tesouro a descobrir. (**Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**). Cortez Editora, UNESCO. MEC. 1999.

DEMO, P. **Lógica e Democracia da Avaliação**. Ensaio, Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, jul./set. 1995.

DIAS SOBRINHO, J. **Avaliação Institucional da UNICAMP: processo, discussão e resultados** / José Dias Sobrinho (organizador). Campinas, SP: UNICAMP, 1994.

DUGUÉ, E. **La Gestion des Compétences: les savoirs dévalués, le pouvoir occulté**. Sociologie du Travail. V. 24. France. 1994.

EDITORIAL. Brasil: sombras e Luzes. Porto Alegre: **Zero Hora Digital**. 2000. (www.zh.com.br).

EDITORIAL. O Papel do Professor. Porto Alegre: **Zero Hora Digital**. 2000. (www.zh.com.br).

ESTUDOS 17. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: ABMES, ano 14, n. 17, dez. 1996.

GAGE, N. L. **Handbook of research on teaching**. Rand McNally, Chicago, 1971.

GOLDBERG, M. A. A. Avaliação e Planejamento Educacional: problemas conceituais e metodológicos. **Cadernos de Pesquisa**, n. 7, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 1973.

GOMES ELLIOT, L. e FILIPECKI, A. T. **Ensinando e Avaliando o Pensamento Crítico**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 3, n. 8, jul./set. 1995.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação e Construção do Conhecimento**. Educação e Realidade, v. 16, n. 2, p. 53-8, 1991

KALAMAZOO COLLEGE The KALAMAZOO Portfolio: Show the world what

is important to you! [on line] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.kzoo.edu/admiss/portfolio.html>. Michigan, 1997.

LEI de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: **Estudos-Revista da ABMES**. Brasília, ano 14, n. 17. Dez. 1996.

LITTO, F. M. **Um modelo para prioridades educacionais numa sociedade de informação**. Pátio, Ano I, n. 3, p. 15-21, Nov. 97/jan. 1998.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos proposições**. 8. ed., São Paulo: Cortez, 1998.

MASSETTO, M. T. & ABREU, M. C. de. Planejar Pensando. **Cadernos Brasileiros de Educação**, São Paulo. 1986.

MORETTO, V. P. Avaliação da Aprendizagem na Era da Globalização. In.: SANTOS, N. N. M. **Avaliação: um novo enfoque**. Ponta Grossa: Núcleo Regional de Educação, jun. 1999.

OLIVEIRA, D. P. T. de. A Prática do Professor em Avaliação: conservadorismo ou transformação. In.: **Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro, v. 20 (102-103): 39-42, set./dez. 1991.

PENNA FIRME, T. **Avaliação: tendências e tendenciosidades**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, jan./mar. 1994.

PENNA FIRME, T. Avaliação de Inovações Educacionais. **Avaliação Educacional: hora de fazer: Anais 1995 / Seminário Internacional de Avaliação da Educação**, 16 a 18 de outubro de 1995. Brasília, DF: MEC / SEDIAE: Rio de Janeiro, RJ. Rio de Janeiro: Fundação CESGRANRIO, 1996.

TAVARES DE SOUZA, V. **Avaliação da Aprendizagem**. Simpósio Nacional sobre Avaliação Educacional: uma reflexão crítica (1993: Rio de Janeiro, RJ).

UNIVERSIDADE de Brasília e Instituto de Educação Superior de Brasília. **Curso de Especialização e Educação Continuada em Avaliação Institucional a Distância**. Mapa 4.01. 2000.